

HÁ ESPAÇO PARA A ORALIDADE NA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DOS ANOS INICIAIS?

Maria Gabriela Ferreira Pereira (UFMT) – gabrielaferreira1620@gmail.com

Liliane Gomes de Oliveira (UFMT) lilianegomeslila@gmail.com

Geniana dos Santos (PPGE/UFMT) genianacba@gmail.com

GT 10: Ensino, Currículo e Organização Escolar

RESUMO:

Este estudo apresenta resultados de revisão sistemática de literatura acerca das práticas de linguagem nos anos iniciais do ensino fundamental, com recorte específico na oralidade e seu ensino pelo Pedagogo. O estudo objetiva evidenciar o trabalho com a oralidade no contexto da infância escolarizada. Esta revisão assume a perspectiva discursiva de currículo a partir de Lopes e Macedo (2011); Pacheco (2009); Pinar (2016) e Santos (2017). Os procedimentos metodológicos da revisão foram desenvolvidos a partir de critérios de inclusão e exclusão de dados de uma plataforma acadêmica em um intervalo de dez anos (2010-2020). Como resultados é possível destacar que a oralidade faz parte das práticas de ensino da língua portuguesa nos anos iniciais, embora ainda seja compreendida como suporte para os processos de alfabetização, muito focalizados na leitura e na escrita; além disso, os estudos levantados resistem em referenciar-se nos documentos curriculares atuais sobre a oralidade e ensino. Dentre os estudos levantados é possível identificar ainda que o trabalho com a oralidade está orientado pela noção de modalidades previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sem aprofundar a ideia de eixos ou práticas de linguagem, conforme políticas curriculares subsequentes.

Palavras-Chave: Oralidade. Anos iniciais. Políticas Curriculares.

1 Introdução

Este trabalho resulta de investigação qualitativa, de perfil bibliográfico sobre a organização curricular para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mais especificamente no contexto do ensino da Língua portuguesa pelo Pedagogo. Objetiva compreender aspectos registrados em pesquisas sobre a temática nos últimos 10 anos. O estudo se justifica pela intensa preocupação com a alfabetização, restrita nos sentidos de leitura e escrita, muitas vezes mecânicas e sem sentido para a criança, algo já apontado por Destro, Santos e Oliveira (2019).

A discussão proposta se circunscreve no âmbito curricular, buscando desestabilizar a noção de que currículo é um repertório normativo com o qual se define o que deve ou não ser

estudado nas escolas, e direciona-se no sentido de problematizar o que oportunizamos ou não aos estudantes, aquilo que estamos ou não abertos a negociar com eles. O currículo foi sendo formado a partir dos interesses da própria sociedade, mas podemos afirmar que nem todos os cidadãos participam das decisões acerca de quais interesses devem ou não ser considerados pelos componentes curriculares escolares. A partir de tais considerações, neste trabalho, interessa compreender como a oralidade é contemplada nas práticas pedagógicas, por conseguinte, no currículo escolar.

2. Aspectos Teóricos

Neste trabalho operamos a partir da perspectiva discursiva que visa compreender o Currículo enquanto possibilidade de negociação sobre o que deve ser considerado na trajetória escolar, destacamos que “[...] o currículo é marcado pela tradição e pela ressignificação, expressando-se enquanto luta por fixação de sentido, subjetivação e endereçamento de identidades” (SANTOS, 2017, p. 28).

Compreender o significado de Currículo não é fácil, se considerarmos que ele não possui uma definição “fechada” e sim considerável visões e pensamentos que nos ajudam a entendê-lo melhor. Currículo deriva do latim *Currere*, representa o caminho. Nesse sentido, implica na compreensão de que os indivíduos perpassam um caminho ao longo de suas vidas “[...] *Currere* ressalta a experiência cotidiana do indivíduo e sua capacidade de aprender a partir da experiência, reconstruir a experiência por meio do pensamento e do diálogo para possibilitar o entendimento”. (LOPES e MACEDO, 2016, p.20).

A história do Currículo como uma proposta normatizadora/ orientadora à escola data desde o início da industrialização (por volta do século XVIII) inicialmente ocorrida no continente europeu, atrelada aos interesses da classe dominante sobre o proletariado, o qual precisava aprender somente o mínimo necessário para a realização de suas funções. Tal intuito imprimia um perfil rígido nos currículos, diretivo e tecnicista, não havendo o interesse em desenvolver o pensamento crítico e consciente desses sujeitos.

O currículo como instrução é algo que perdura e que é o resultado não só da transmissão formal do conhecimento em espaços escolares, como também da ligação do currículo à consagração de uma educação nacional e à formação de uma política do cuidado. (PACHECO, 2009, p. 390).

Essa construção de sentido para currículo é uma de suas características, a de representatividade de poder de uma determinada classe em questão, contudo, currículo é

também identidade e cultura. Por isso, que muitas vezes o currículo é considerado algo complexo devido estar relacionado ao pensar e agir do ser humano, bem como as mudanças de seu meio social.

Assim, a educação e o currículo são projetos de questionamento, construídos na diversidade e pluralidade de marcas pessoais e sociais, compreensíveis na base de uma conversação complexa. Por isso, o currículo é um projeto de espaços e tempos subjetivos, com espaços e tempos sociais, vinculados aos sujeitos e seus modos de conversação, [...] (PACHECO, 2009, p. 398).

O currículo envolve muitas disputas tal como de poder, isto está muito atrelado ao que se ensina na escola, por exemplo, quais disciplinas se devem abordar? Para quem? Com qual (is) interesses? "[...] o currículo é, ele mesmo, uma prática discursiva. Isso significa que ele é uma prática de poder, mas também uma prática de significação, de atribuição de sentidos". (LOPES e MACEDO, p. 41, 2011).

Nesse tocante, Pinar (2016) afirma que currículo é uma conversa complicada, pois não se trata somente dos ensinamentos no tempo presente, como também o que se pretende e o que será feito a partir deles. Currículo é diálogo, conversa, significa que o mesmo deve permanecer entre os pares, tanto a comunidade interna quanto a externa, de forma que ambos possam exercer seu direito de fala, expressando suas opiniões sobre os repertórios construídos coletivamente na escola.

Currículo é uma conversa complicada. Estruturado por diretrizes, focado em objetivos, excessivamente voltado para resultados, o currículo escolar luta para permanecer conversa. É uma conversa – esforços de entendimento por meio da comunicação - entre alunos e professores, indivíduos que efetivamente existem em determinados lugares e dias, ao mesmo tempo pública e privada. (LOPES e MACEDO, 2016, p.19).

O currículo é um modo de comunicação, tal como o próprio autor escreve, e deve continuar assim, sem se restringir a normas e regras somente, não que estas deixem de ser pertinentes à própria organização e projeção de futuro coletivo, o que ocorre é que esta especificidade está fazendo com o que o diálogo se perca no caminho, principalmente no caminhar da escola, lugar este repleto de vozes, como diferentes interpretações e situações diversas em que a discussão curricular se torna pertinente.

Na estruturação da LP como objeto de ensino escolar, atualmente, os documentos normativos destacam a organização por meio dos (eixos) leitura, produção de textos, oralidade, análise linguística e semiótica que se articulam às práticas de linguagem e aos campos de atuação. Tais elementos são entendidos como categoria de organização curricular e possuem a função articuladora das práticas de ensino. Os campos de atuação, enfatizados pelo documento curricular, citam a vida cotidiana — campo abordado somente nos anos iniciais do

Ensino Fundamental ¹, o contexto artístico-literário, o campo relacionado às práticas de estudo e pesquisa, o campo jornalístico-midiático, de atuação na vida pública (BRASIL, 2017).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é possível identificarmos que, embora conceitualmente a proposta de organização para o ensino se relacione ao apresentado para os anos finais, o foco na alfabetização, na prática, parece direcionar todos os processos e todas as práticas pedagógicas.

Evidentemente, os processos de alfabetização e ortografização terão impacto nos textos em gêneros abordados nos anos iniciais. Em que pese a leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas, ainda assim, os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica, nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, tais como listas (de chamada, de ingredientes, de compras), bilhetes, convites, fotolegenda, manchetes e lides, listas de regras da turma etc., pois favorecem um foco maior na grafia, complexificando-se conforme se avança nos anos iniciais. Nesse sentido, ganha destaque o campo da vida cotidiana, em que circulam gêneros mais familiares aos alunos, como as cantigas de roda, as receitas, as regras de jogo etc. Do mesmo modo, os conhecimentos e a análise linguística e multissemiótica avançarão em outros aspectos notacionais da escrita, como pontuação e acentuação e introdução das classes morfológicas de palavras a partir do 3º ano. (BRASIL, 2017, p. 93).

A abordagem em questão utiliza os gêneros para um fim específico. O texto é pretexto para o conhecimento estrutural (morfológico) da língua pela criança. Nesse contexto, a oralidade é tida como uma possibilidade de suporte para o texto escrito, para apropriação de um sistema, rico, complexo e, muitas vezes, desprovido de sentido para a criança. Entende-se, desse modo, que um olhar para as formas como a oralidade tem sido trabalhada em sala de aula, nos anos iniciais, possibilitam compreender o lugar da oralidade nas práticas pedagógicas potencializadas pelo Pedagogo no Ensino da Língua portuguesa.

3. Aspectos metodológicos

Para estruturação da pesquisa foram realizados processos de levantamento bibliográfico a partir dos critérios de Revisão Sistemática de Literatura. Nesse sentido, foram realizadas buscas com escopo delimitado por grupo de palavras-chave selecionadas, sendo elas: oralidade; escrita; práticas de linguagem e anos iniciais.

¹ Esse fator indica que o trabalho informal com aspectos da oralidade e de textos ordinários vão sendo substituídos por um repertório formal ao longo do EF.

A plataforma utilizada para o levantamento de dados foi o Google Acadêmico, que para fosse possível reunir um acervo mais aberto em relação à temática. Após esse procedimento, foi realizada a filtragem oferecida pela plataforma de busca em que o recorte considerou os últimos dez anos de publicações. Sobre essas, consideraram-se os seguintes critérios para seleção: 1. Somente artigos; 2. Disponibilização em Formato PDF; 3. Idioma em português; 4. Publicação entre os anos de 2010 até 2020.

A partir disso foi efetuada uma leitura dos títulos e resumos no que resultou em um compilado de 18 artigos que pareciam ser interessantes para o trabalho, após leitura integral, realização de sistematização e fichamento, foram alocados em um quadro por ordem crescente de publicação os textos com dados referentes à autoria, temática e descritores. Desse material, houve exclusão de textos mediante aos seguintes pontos: não se referia à oralidade; não se referia ao contexto investigado; não se relacionava aos anos iniciais do ensino fundamental.

Resultantes desses procedimentos de exclusão, restaram oito (8) artigos analisados em profundidade, por estes estarem alinhados à proposta do trabalho e atenderem aos objetivos do levantamento. A seguir apresentamos uma tabela derivada do quadro supramencionado, nela há a descrição dos trabalhos selecionados para análise neste estudo.

Tabela 1 - Artigos relacionados à oralidade (2010-2020)²

Autores	Título	Ano de publicação
Belintane	Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública.	2010
Chaer e Guimarães	A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.	2012
Tassoni	A leitura e a escrita nos anos iniciais do ensino fundamental: a prática docente a partir da voz dos alunos.	2012
Ferreira e Luquetti	A oralidade e a escrita no ensino de língua materna: uma reflexão.	2014
Azevedo e Galvão	A oralidade em sala de aula de língua portuguesa: o que dizem os professores do ensino básico.	2015
Silva	Análise da conversação e oralidade em textos escritos.	2015
Freitas et al.	Desafios no ensino da oralidade.	2016
Fonseca et	Atividades com o oral nos anos iniciais do ensino	2020

²Optamos por não apresentar todo o processo de construção dos descritores tendo em vista o enfoque na oralidade, outros artigos dentre os 18 selecionados, em um primeiro momento, foram lidos, categorizados, mas não atendiam aos critérios de seleção, conforme apresentado.

4. Produções Discursivas sobre Língua Portuguesa nos anos iniciais – (2010-2020)

Para a apresentação dos estudos levantados, foi utilizada a referência temporal de publicação de modo a evidenciar como algumas formas de pensar a oralidade foram mudando ao longo dos últimos dez anos. Além disso, são apresentados os enfoques dos estudos e de que modo identificam/abordam essa temática nas práticas pedagógicas levantadas.

Belintane (2010) apresenta um relato de pesquisa em que focaliza o processo de ensino aprendizagem em estudo sobre duas turmas de 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública, buscando apresentar a resolução aos problemas de aprendizagem frente às heterogeneidades existentes no ambiente escolar por meio de um programa de ensino. O estudo enfatiza a sala de aula, considerando as dificuldades identificadas através de diagnósticos de aprendizagem. Tais diagnósticos subsidiam a compreensão de que existe uma passagem entre a oralidade e escrita. Com isso, destaca informações que ancoram programas de ensino, de modo a propor outras práticas construtivas sobre a escrita.

O estudo permite compreender que a oralidade é vista como um “meio” para análise dos déficits que os alunos apresentam quanto à aprendizagem da leitura e da escrita. Uma contribuição importante dada pelo estudo destaca a presença ou a ausência de textos orais em sala de aula: narrativas, parlendas, cantigas, entre outras. Além disso, salienta os protocolos de leitura realizados em sala de aula. Desse modo, no momento de contação de histórias, por exemplo, há o momento da leitura e posterior espaços para diálogo e comentários. A leitura iniciada pelo professor a partir do recurso “em voz alta”, com interrupção pelo docente de modo a estimular os alunos a continuarem. O trabalho em grupo também é previsto, com a finalização da leitura em duplas ou pequenos grupos. O estudo aponta para a necessidade de valorizar as verbalizações dos alunos desde os anos iniciais e reposicioná-las, pois, é o período da transição da oralidade para a escrita.

Chaer e Guimarães (2012) destacaram a relevância do ensino da oralidade na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental³, mostrando como esta abordagem pode se tornar significativa para o desenvolvimento e socialização dos alunos. Conforme o estudo, no processo de comunicação, a criança precisa formular ideias e ter uma linguagem oral

³ O estudo reforça a articulação entre as etapas da Educação Básica, especialmente no desenvolvimento da oralidade.

desenvolvida. Os resultados da pesquisa evidenciaram que os professores compreendem a importância de se trabalhar esta modalidade em sala de aula, visando um melhor aprendizado de seus alunos, promovendo o seu desenvolvimento e autonomia trabalhando atividades tais como: a música, reconto de histórias, poesia, leitura, roda de conversa, dramatização, fantoches que desta forma auxiliavam o aluno no processo da autonomia, socialização, pensamento, vocabulário, entre outros. Enquanto resultados, o estudo destaca ainda que os professores pesquisados valorizavam a oralidade, considerando como indispensável para realização de tais atividades mencionadas anteriormente em sala de aula, o desenvolvimento da oralidade também foi considerado imprescindível para o convívio social do indivíduo.

Tassoni (2012)⁴ apresenta breve discussão sobre as atividades escolares do ensino de alfabetização por observações de alunos do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental, tendo como enfoque suas narrativas. Com base nos dados apresentados, as atividades de escrita e leitura ainda são trabalhadas de forma mecanizada, estando sempre presentes a repetição e a divisão dos conteúdos sem haver uma conexão de ideias. Outro aspecto abordado na pesquisa é o fato de os textos serem trabalhados somente quando os alunos já estão alfabetizados. Para a autora, o ensino da leitura e da escrita devem ser trabalhados em conjunto, como também deixa nas entrelinhas a importância da articulação do trabalho com a oralidade nas falas das crianças.

Com base na leitura do texto é possível perceber que o ensino da oralidade não é o objetivo central da pesquisa da autora e sim as práticas de escrita e leitura em relação à alfabetização e de que o oral somente está subentendido devido se “ouvir a voz” dos alunos por uma coleta de entrevista. Pode-se considerar a partir do que é abordado que o trabalho efetivo a partir da oralidade com não ocorria de fato, visto que o que se destaca é a oralização da escrita.

Ferreira e Luquetti (2014) realizaram um estudo sobre a presença da oralidade em textos escritos em turmas do 5.º ano de escolas públicas. Segundo as autoras, a oralidade em vista da língua escrita não é muito abordada, ao contrário do que se encontra nos documentos curriculares brasileiros. A exemplo, as pesquisadoras citam os PCNs, que abordam o ensino da língua materna a partir das duas modalidades.

Com base nos resultados apresentados, foi possível constatar que os alunos apresentaram dificuldades na criação de um texto adequado às normas e padrões da escrita, o que ressalta que o ensino baseado em apenas “decorar” não é suficiente, pois o professor deve considerar o que o aluno já traz consigo. A partir do estudo, é possível notar a valorização do

⁴ Embora centralmente o artigo se dedique a problematizar a relação leitura e escrita, aborda de modo pertinente a relação da oralidade nesse contexto.

processo de ensino aprendizagem da oralidade em sala de aula. O texto evidencia que as crianças participantes da pesquisa no momento de realização da escrita transpõem marcas de sua fala (textos orais) o que segundo a norma culta não seria aceitável.

Azevedo e Galvão (2015) apresentam uma pesquisa sobre a modalidade oral e o ensino de Língua portuguesa no ensino fundamental. O estudo aponta que muitos docentes ainda não compreendem essa modalidade de ensino, o que indica que se deve haver um maior estudo com relação a noções teóricas, para se evitar um ensino descontextualizado sobre a relação escrita e oralidade. As autoras evidenciam, com base nas entrevistas, e por conta da limitação encontrada nos documentos oficiais, que seria muito eficiente o efetivo trabalho com os textos orais em sala, em vez de como, por exemplo, como foi citado, leitura em voz alta, pelo qual o professor pressupõe que está trabalhando oralidade, mas acaba com que diminuído esta vasta prática pedagógica. Estes até implantavam alguns gêneros, mas conforme as próprias autoras comentam realizar algo sem fundamentação teórico-prática não resulta em seu objetivo.

Silva (2015) analisou as marcas de oralidade em textos escritos, tendo como enfoque os diálogos literários produzidos em livros didáticos utilizados nas escolas. O estudo apresenta uma breve discussão de como a oralidade é vista sem relevância nos âmbitos da escola em comparação da escrita, tendo ainda uma forte convicção de que na escola é “lugar para escrever”. Mesmo havendo muitas pesquisas sobre a importância de se valorizar o ensino dessa prática de linguagem, percebe-se que os professores mesmo tendo conhecimento da teoria, possuem dificuldade de trabalhar a oralidade em sala.

O autor expressa a importância da prática e ensino da oralidade em sala de aula, e ao decorrer da escrita de seu trabalho mostra a relação entre ambas às modalidades: escrita e oralidade, no entanto, o que pudemos perceber é que mesmo que a oralidade seja bem abordada e desenvolvida no texto, este ainda não é abordado de maneira “exclusiva”, pois o que ele objetivou foi analisar as marcas orais presentes em textos escritos.

Freitas et al. (2016) destacam a importância de se trabalhar a oralidade em sala de aula (ensino fundamental), pois mesmo havendo documentos que regularizem a proposta deste ensino, a oralidade ainda é vista sem pertinência com relação à atividade didática. Segundo as autoras, oralidade não é uma disciplina e sim uma modalidade, desta forma não se deve abordá-la de forma separada e sim de modo planejado com a escrita. Apresenta as semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita, mas enfoca que as duas devem ser trabalhadas juntas. Na compreensão das autoras, cabe ao professor apresentar uma variedade de estratégias de modo a desenvolver a competência linguística dos alunos. Para isso, é

necessária uma formação de qualidade aos docentes bem como uma união entre as políticas públicas e a realidade da escola.

Fonseca et al. (2020) abordam o perfil das atividades trabalhadas em sala de aula, salientando o ensino da oralidade nos iniciais do Ensino Fundamental. O intuito dos autores é promover uma reflexão a partir deste objeto de estudo, de modo a ampliar o campo de pesquisa sobre ele. Os autores destacam que o ensino de oralidade se apresenta com mais frequência nas seguintes atividades: apresentação de trabalhos, leitura em voz alta, rodas de conversa, debates e exposições de ideias. A partir disso o que constatamos é que o trabalho efetivo do ensino de oralidade ocorria de forma parcial. Esse registro se mostra importante para compreendermos qual o sentido de oralidade está sendo privilegiado nas práticas pedagógicas docentes.

Ao acompanhar o trabalho docente, evidenciaram uma atenção voltada a auxiliar alunos em alguns pontos para uma melhor compreensão e desenvolvimento. Os autores também destacam que se deve pensar mais sobre qual papel a oralidade exerce nos processos de formação, construção de materiais didáticos e documentos orientadores.

5. Considerações finais

Com base nos estudos levantados da oralidade é possível afirmar que a oralidade tem sido abordada em sala de aula, contudo, como um “meio” para se atingir um objetivo atrelado à escrita ou a leitura. A compreensão de modalidades da língua foi bastante presente nos estudos nos últimos dez anos, sendo as práticas de linguagem pouco abordadas, mesmo ao final da década passada, quando essas discussões se mostraram mais contundentes no campo curricular.

Esta foi uma pesquisa inicial de levantamento que operou no sentido de possibilitar a compreensão sobre a oralidade enquanto prática de linguagem, foi possível observar, nesse exercício houve um número pequeno de produções que abordam essa temática no bojo da sala de aula nos anos iniciais.

A compreensão sobre oralidade ainda se mostra muito ligada a oralização da leitura, conforme os protocolos de leitura apresentados em alguns estudos. Além disso, a ideia de que a oralidade, para além do diálogo, da conversa entre as crianças e professores, da elaboração e da negociação curricular, está situada enquanto meio para a alfabetização, é algo a ser aprofundado a partir de outras formas de levantamento de dados sobre as práticas de linguagem privilegiadas em sala de aula.

Neste trabalho, a relação entre a oralidade e escrita provoca a reflexão sobre alguns temas normatizados, oficiais e previstos no currículo, algo que geralmente cria uma artificialidade centrada em repertórios culturais obrigatórios referentes ao entendimento estreito do que seja alfabetizar.

Pelas características do estudo proposto, exploratório sobre a temática, não foi possível identificar aspectos relacionados à interação entre os sujeitos, contudo, possibilitou entender a existência de um trabalho realizado pelos pedagogos, nos anos iniciais, na tentativa de contemplar a oralidade em sala de aula.

Referências

AZEVEDO, Josilete Alves Moreira de e GALVÃO, Marise Adriana Mamede. A Oralidade Em Sala De Aula De Língua Portuguesa: O Que Dizem Os Professores Do Ensino Básico (2015)..**Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 249-272, jan./jun. 2015 ISSN 1517-4530 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p249-272> Acessado em 25 de abril de 2021.

BELINTANE, Claudemir. Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública.**Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.3, p. 685-703, set./dez. 2010. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022010000300003&script=sci_arttext&tlng=pt Acessado em 22 de abril de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

CHAER, Mirella Ribeiro e GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.**Pergaminho**, (3):71-88, nov. 2012. Disponível em: <https://www.ufjf.br/projetodeoralidade/files/2018/06/PP-A-import%C3%A2ncia-da-oralidade-EI-e-S%C3%A9ries-Iniciais-do-EF-CHAER-Mirella-Ribeiro.1.pdf> Acessado em 25 de abril de 2021.

DESTRO, Denise; SANTOS, Geniana; OLIVEIRA, Ozerina V. Das expectativas aos direitos de aprendizagem: flutuações de sentidos nas políticas curriculares contemporâneas.**Revista Educação e Políticas em Debate** –v. 8, n. 1, p. 73-84, jan./abr. 2019 -ISSN 2238-8346

FERREIRA, Dhienes Charla e LUQUETTI, Eliana Crispim França. A Oralidade e a Escrita no ensino de Língua Materna: Uma Reflexão.**CADERNOS DO CNLF, VOL. XVIII, Nº 11 – REDAÇÃO OU PRODUÇÃO TEXTUAL**. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/11/012.pdf Acessado em 25 de abril de 2021.

FONSECA, Aline Lopes da; LIMA, Gustavo Henrique da Silva; VILELA, Sara Talita Cordeiro. Atividades com o oral nos anos iniciais do ensino fundamental.**Letras, Santa**

Maria, especial 2020, n. 01, p. 485-501. Disponível:
<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/38835/pdf> Acessado em 25 de abril de 2021.

FREITAS, Sara Helena da Costa; MACHADO Miriam Raquel Piazzzi e TEIXEIRA, Josina Augusta Tavares. Desafios no ensino da oralidade. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisas na Educação Básica**, Recife, v.2, n.1, p.197-215, 2016. CAP- UFPE. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/viewFile/14977/17812> Acessado em 25 de abril de 2021.

LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elisabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 19-61.

LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elisabeth. Prefácio. In.: Pinar, William **Estudos curriculares: ensaios selecionados** / William Pinar. seleção, organização e revisão técnica Alice Casimiro Lopes, Elisabeth Macedo. — São Paulo: Cortez, 2016.

PACHECO, José Augusto. Currículo: entre teorias e métodos. **Cad. de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, pág. 383-400, agosto de 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742009000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 de janeiro de 2021.

PINAR, William **Estudos curriculares: ensaios selecionados**. Seleção, organização e revisão técnica Alice Casimiro Lopes, Elisabeth Macedo. — São Paulo: Cortez, 2016.

SANTOS, Geniana dos. Política Curricular e de Leitura. In: DOS SANTOS, Geniana. **O meu aluno não lê: sentidos de crise nas políticas curriculares para a formação em leitura**. Orientador: Alice Ribeiro Casimiro Lopes. Tese de Doutorado (Doutor em Educação) - Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. f. 233. Pág. 28. Disponível em: http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11670. Acesso em: 30 jun. 2021.

SILVA, Luiz Antônio da. Análise da Conversação e oralidade em textos escritos. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 131-155, jan./jun. 2015. ISSN 1517-4530
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p131-155> 24 de abril de 2021.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. A leitura e a escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a prática docente a partir da voz dos alunos. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 27, p. 191-209, jan./abr. 2012. Disponível em:
<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3383/2262> Acessado em 25 de abril de 2021.